

## ESPIRITUALIDADE E SECULARISMO NA ATUALIDADE

Jeová Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>  
Djalma Ribeiro<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Rogo-vos irmãos através das misericórdias de Deus que apresenteis (infinitivo aoristo ativo – “de modo contínuo”) os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável para Deus, o culto racional de vocês. E não sede conformados (imperativo presente passivo) com esta Era, mas sede transformados/transfigurados (imperativo presente passivo) pela renovação (marca impactante) da vossa mente para vocês provarem (presente ativo) que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita” (Rm 12.1-2).<sup>3</sup>

O tema deste artigo é bastante pertinente frente à busca pela espiritualidade nos dias de hoje, e a crescente secularização da religião. É possível vivermos uma espiritualidade bíblica nos dias de hoje? Como realizar tal coisa em meio a tantas tentações? Como viver a vida cristã numa cultura firmada no lucro a qualquer preço, na exploração e na coisificação do ser humano, no individualismo e na indiferença?

Atualmente tem-se falado muito sobre espiritualidade em nossa cultura, e isto não apenas no âmbito religioso, como também nas “buscas humanas” (BOFF, 2006, p. 10), e até mesmo na área empresarial. Porém, a nossa preocupação é verificar até que ponto o conceito de espiritualidade difundido na sociedade hodierna se assemelha ao conceito cristão de espiritualidade, ou se não tem nada a ver com o mesmo. E também, com base no conceito cristão de espiritualidade, destacar os reais desafios que um cristão de uma autêntica espiritualidade tem de enfrentar diante deste mundo completamente secularizado.

---

<sup>1</sup> Teólogo e Pedagogo. Psicopedagogo. Mestre em Teologia. Mestre e Doutor em Ciências da Religião. Pós-Doutoramento em Direito com área de concentração: Direitos Humanos. Professor nas áreas de Bíblia, Teologia e Exegese e de Educação e Direitos Humanos. Leciona na Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB).

<sup>2</sup> Teólogo e Filósofo. Especialização em Formação de Professores. Pós-Graduando em Teologia Sistemática. Mestre em Educação.

<sup>3</sup> Tradução parafraseada e grifos: prof. Dr. Jeová Rodrigues dos Santos.

## 1 BUSCANDO UMA CONCEPÇÃO CRISTÃ DE ESPIRITUALIDADE

A busca pelo sentido real da espiritualidade perpassa necessariamente a maneira pela qual a sociedade secularizada de nosso tempo a concebe.

### 1.1 Concepção geral de espiritualidade:

O que é espiritualidade na visão geral de nossa cultura? Segundo o filósofo e teólogo Urbano Zilles, a palavra espiritualidade passou a ser muito usada, há cerca de três séculos. Porém, quando se pergunta pelo significado da palavra, diz o filósofo, “constatamos que este é vago, como é vago o significado da palavra espírito, que lhe deu origem” (ZILLES, 2004, p. 194).

Deste modo, conclui o autor: “encontramo-nos diante de uma realidade difícil de definir e, por outro lado, difícil de excluir do vocabulário” (ZILLES, 2004, p. 194). Mas, mesmo assim, não podemos desistir de buscar uma conceituação de espiritualidade.

Conforme expõe o pastor e professor Jeová Rodrigues dos Santos em sua obra *Oração e liderança espiritual*, espiritualidade “é um termo que assume diferentes conotações de acordo com o contexto em que o mesmo é empregado” (SANTOS, 2008, p. 31). Ou seja, o termo espiritualidade pode significar coisas bastante diferentes para pessoas diferentes, e para épocas e lugares diferentes.

Para os filósofos em geral, espiritualidade é algo que se contrapõe à materialidade. Refere-se a uma qualidade que transcende toda materialidade. Neste caso, o espiritual é empregado como a negação do material.

Por vezes o termo espiritualidade foi extraído de uma filosofia, ideologia ou síntese doutrinal. Algumas vezes recorreu-se à espiritualidade para designar a reinvidicação de homens que se negavam identificar-se com meras máquinas: espiritualidade do trabalho, dos doentes, dos médicos.

Devemos, também, fazer distinção entre espiritualidade e espiritualismo e misticismo.

Espiritualismo designa toda doutrina que pratique a filosofia como análise da consciência. Essa filosofia ensina a espiritualidade da alma, a liberdade e a responsabilidade das ações humanas, as obrigações morais, a virtude desinteressada, a dignidade da justiça, a beleza da caridade. A preocupação constante do espiritualismo foi com as boas causas.

O misticismo, por sua vez, é um termo que deriva do grego “*mystês*”, ou seja, um iniciado no conhecimento dos mistérios gregos, alguém a quem as coisas secretas haviam sido reveladas. Daí o sentido amplo do termo significar alguém que alega ver ou conhecer o que está oculto a outras pessoas, seja esse conhecimento obtido por intuição imediata, ou por revelação interior. No cristianismo, místico é aquele que tem a visão imediata de Deus e das coisas divinas.

De acordo com Charles Hodge, o misticismo assume duas formas diferentes, a sobrenatural e a natural. Conforme a primeira, “Deus, ou o Espírito de Deus, mantém comunhão direta com a alma; e pela excitação de seus sentimentos religiosos, comunica-lhe intuições da verdade e capacita-a a atingir um tipo, um grau e uma extensão de conhecimento inatingíveis de qualquer outra maneira” (HODGE, 2001, p. 5).

Em conformidade com a forma natural do misticismo, diz Hodge (2001, p. 6) que: “não é Deus, e, sim, a consciência religiosa natural dos homens, como excitada e influenciada pelas circunstâncias individuais, que se torna a fonte do conhecimento religioso”.

Os termos espiritualidade e misticismo eram considerados mais ou menos como sinônimos na França do século XVII. Ambos se referindo ao conhecimento interior direto do divino ou do sobrenatural. Mais recentemente é que o termo misticismo tem sido deixado de lado, sendo substituído pelo de espiritualidade.

No âmbito religioso, o termo espiritualidade assume diversas conotações conforme cada religião. Vemos falar de espiritualidade também no âmbito da cultura, da economia e da ecologia. A espiritualidade está tão presente hoje em nossa

cultura, que tem se tornado uma parte do tripé conceitual de compreensão da atualidade. Sendo a subjetividade e a pós-modernidade os dois outros conceitos deste tripé.

Porém, de modo geral, podemos dizer que espiritualidade se refere “a busca por uma vida religiosa autêntica e satisfatória”.

## **1.2 Concepção cristã de espiritualidade:**

A concepção cristã de espiritualidade adquire um sentido mais específico diante da concepção geral de espiritualidade. Porém, não podemos dizer que há somente uma definição para espiritualidade cristã, visto que há diferentes segmentos cristãos.

Diz Urbano Zilles (2004, p. 201):

Através da história da Igreja apareceram várias escolas de espiritualidade. No essencial coincidem, pois propõem o seguimento a Cristo. Entretanto se distinguem nos meios especiais e modos de santificação.

Para os cristãos primitivos o ideal era imitar a Cristo no martírio. Eles seguiam a Cristo até ao ponto de darem a própria vida ao invés de negarem a fé.

Com o fim das grandes perseguições, o novo ideal passa a ser o ascetismo e a virgindade. Onde, por falta de orientação, houve desvios e erros tremendos como a flagelação do corpo e a introdução do celibato.

Na era da patristica, a espiritualidade cristã é caracterizada pela conjunção de uma concepção teológico-ontologica e psicológico-experimental. A vida ascética, com a finalidade de conseguir a indiferença às paixões, é vista como condição indispensável para a contemplação mística e união com Deus. O centro da mística cristã, nesta época, diz-nos Zilles (2004), é a humanidade de Cristo. E acentua-se também a incognoscibilidade de Deus.

Logo depois surge o monaquismo que se caracterizou pela fuga do mundo e pela vida contemplativa. O monaquismo cristão ou monasticismo originou-se de comunidades eremitas no século IV, que se haviam retirado para o deserto egípcio em busca da perfeição. Esses primeiros monges ficaram sendo conhecidos como pais do deserto. Suas atividades mais importantes eram a prática da oração e do trabalho manual.

De modo geral, no cristianismo, “a espiritualidade significa viver o encontro com Jesus Cristo” (MCGRATH, 2008, p. 21). Portanto, ela refere-se a como a vida cristã é entendida e praticada.

Neste sentido, apresento a seguir algumas definições práticas de espiritualidade:

Espiritualidade é uma experiência viva, o esforço de aplicar elementos relevantes do depósito da fé cristã para a orientação de homens e mulheres, com vistas ao seu crescimento espiritual, o desenvolvimento progressivo de sua pessoa que floresce em percepção e alegria proporcionalmente maiores (GAUSS apud MCGRATH, 2008, p. 23).

Espiritualidade tem que ver com nossa experiência de Deus e com a transformação de nossa consciência e vida como resultado dessa experiência (O'BRIEN apud MCGRATH, 2008, p. 23).

Espiritualidade refere-se a uma experiência vivida e a uma vida disciplinada de oração e ação, mas não pode ser compreendida fora das crenças teológicas específicas que são os ingredientes nas formas de vida que manifestam fé cristã autêntica (SALIERS apud MCGRATH, 2008, p. 23).

Poderíamos ampliar um pouco mais o leque conceitual acerca da espiritualidade, do cristão espiritual e de uma vida cristã espiritual no texto que se segue:

[...] ‘espiritualidade’ refere-se à operação da graça de Deus na alma do ser humano, tendo seu começo na conversão e o seu término na morte ou na Segunda Vinda de Cristo. É marcada pelo crescimento e maturidade numa semelhança à vida de Cristo.

O 'cristão espiritual' é aquele que tem permitido ao Espírito Santo trabalhar em sua vida, levando-o a conformar-se cada vez mais com a pessoa de Cristo.

Uma 'vida cristã espiritual' consiste em um estado de relacionamento profundo e pessoal com Deus, capaz de mudar radicalmente nossa vida, e influenciar positivamente as vidas de outras pessoas que convivem ao nosso redor (SANTOS, 2016, p. 57).

A partir destas definições podemos destacar alguns aspectos gerais da espiritualidade cristã:

- Conhecer a Deus, não apenas conhecer sobre Deus;
- Ter experiência com Deus plenamente;
- Transformação da existência com base na fé cristã;
- Alcançar autenticidade cristã na vida e pensamento.

Com relação aos dois primeiros aspectos da espiritualidade cristã convém verificarmos a seguinte confissão de um renomado teólogo americano:

Sou um teólogo – passo minha vida lendo, ensinando, pensando e escrevendo sobre Deus. Mas preciso ser sincero – nunca experimentei Deus, não de verdade. Fico envergonhado com a vida religiosa; fico incomodado com aqueles que se aprofundam no relacionamento com Deus; não tenho a menor idéia do que possa significar a presença de Deus (JONES apud MCGRATH, 2008, p. 24).

Essa passagem deixa claro que é possível ser teólogo sem ter nenhuma experiência com Deus. A verdadeira espiritualidade cristã busca um relacionamento autêntico e vivo com Deus.

Com relação aos dois últimos aspectos convém atentarmos para a resposta dada por um religioso famoso no mundo atual, o Dalai-Lama, quando perguntado sobre o significado de espiritualidade: “espiritualidade é aquilo que produz no ser humano uma mudança interior” (apud BOFF, 2006, p. 13).

Independentemente da perspectiva religiosa do Dalai-Lama, o fato é que ele reconhece que a verdadeira espiritualidade produz uma transformação de vida

capaz de dar um novo sentido a esta. Ninguém pode se dizer espiritual sem que tenha uma vida interiormente transformada. Ênfase interiormente porque alguns têm concebido equivocadamente a espiritualidade cristã como uma mera mudança exterior de hábitos e costumes.

Aqui lembramos o que Jesus disse a um importante religioso de sua época chamado Nicodemos, quando este veio até ele na calada da noite para perscrutar se Jesus era realmente vindo de Deus, e Jesus lhe respondeu: “na verdade na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3.1-3).

Jesus anuncia aqui a porta de entrada para a verdadeira espiritualidade cristã. Não se trata de uma mera reforma moral ou estética, mas de uma transformação metafísica, espiritual, operada por Deus mesmo no interior do homem decaído. Paulo, o apóstolo aos gentios, compreendeu com tanta clareza essa verdade que chegou a dizer que “aquele que está em Cristo **nova criatura é**, as coisas velhas já passaram, eis que tudo se fez novo” (2Co 5.17 – grifo nosso).

E aqui cabem as palavras de Francis A. Schaeffer (1984, p. 9) em sua obra *Verdadeira espiritualidade* quando diz que ninguém pode começar a viver a vida cristã, ou mesmo saber algo da vida espiritual autêntica, sem que antes se torne cristã. E segundo ele, o único meio de alguém se tornar cristão é aceitando a Cristo como Salvador.

Porém, o mesmo autor ressalta que não podemos nos deter no novo nascimento apenas. Depois de nascermos espiritualmente devemos prosseguir em nossa vida cristã para a maturidade espiritual. Depois do novo nascimento há uma vida cristã a ser vivida até que Jesus venha ou até que morramos.

Aí é que entram as dificuldades que os cristãos que buscam viver uma verdadeira espiritualidade cristã têm de enfrentar num mundo completamente secularizado.

## 2 ENTENDENDO O SIGNIFICADO DE SECULARISMO

Podemos definir rapidamente secularismo como “modo de vida e de pensamento que é seguido sem referência a Deus ou à religião” (ELWELL, 1988, p. 364).

É, portanto, uma cosmovisão contrária a cosmovisão cristã e ao estilo de vida cristão, que se inclina para o profano mais do que para o sagrado, para o natural mais do que o sobrenatural. É uma abordagem completamente humanística da vida.

O mundo atual tem-se caracterizado por uma crescente secularização que, segundo a maioria dos estudiosos, se iniciou na época do iluminismo.

A secularização institucional tem sido alimentada pelo colapso de um cristianismo unificado desde a reforma, por um lado, e pela racionalização cada vez maior da sociedade e da cultura desde o iluminismo até à sociedade tecnológica moderna, por outro (ELWELL, 1988, p. 365).

As perguntas levantadas pelo iluminismo foram: o cristianismo possui uma revelação especial de Deus? Não seria melhor conservar a religião dentro dos limites da razão humana? O que podemos aprender sobre Deus apenas por meio do uso da razão humana? Podemos crer na autenticidade dos milagres da Bíblia e da história da Igreja Cristã à luz da crítica histórica? Podemos dar crédito à reivindicação de que a Bíblia é inspirada quando esta contém tantas histórias improváveis e tanto ensino imoral?

A partir desta época a razão humana tornou-se o padrão do julgamento, a liberdade humana tornou-se a mais importante virtude, e o progresso contra a superstição e a autoridade infundada era o programa a ser seguido por todos.

Os pensadores do iluminismo estavam envolvidos em uma luta intelectual contra a Igreja e o Estado no que diz respeito à autonomia humana. Já que tanto a Igreja quanto o Estado apelavam para a Bíblia para justificar suas autoridades, daí o ataque contra a Bíblia.

No final de tudo isso, diz Peter Jensen (2007, p. 16), “todo o movimento alcançou, entre outras coisas, uma vitória atordoante sobre a fé cristã. O

cristianismo perdeu sua autoridade intelectual, social e espiritual, especialmente no protestantismo europeu”.

Desde então, este processo de secularização tem atingido a igreja em cheio. O ponto alto desse processo pode ser notado através da seguinte crítica do filósofo ateu Ludwig Feuerbach (1804-1872), quando diz que:

O cristianismo moderno não pode apresentar mais nenhum testemunho a não ser *testimonia paupertatis* (testemunho de pobreza). O que ele ainda possui não possui de si mesmo, vive de esmolas dos séculos passados... Assim, para se poder fixar o cristianismo como um objeto digno de ser pensado, teve o autor que se abstrair do cristianismo covarde, despersonalizado, confortável, beletrista<sup>4</sup>, coquete<sup>5</sup> e epicurista<sup>6</sup> do mundo moderno; teve que recuar aos tempos em que a noiva de Cristo ainda era virgem, casta, imaculada, quando ela ainda não entrelaçava na coroa de espinhos de seu noivo celestial as rosas e as murtas da Vênus pagã para não cair sem sentidos diante da visão do Deus sofredor; quando ela ainda era pobre em riquezas terrenas, mas riquíssima e ditosíssima no gozo dos mistérios de um amor sobrenatural” (FEUERBACH, 1997, p. 20 ).

Apesar do visível distanciamento que se percebe na atualidade entre a mensagem cristã que se prega, geralmente com ênfase triunfalista e com foco antropocêntrico, o que difere frontalmente do significado original de Evangelho, daí a crítica de Feuerbach, cremos que ainda existem aqueles que têm buscado viver uma verdadeira espiritualidade cristã e que não se conformaram com o presente século (Rm 12.2). Os tais representam o verdadeiro Cristianismo em nossa época.

---

<sup>4</sup> Pessoa que cultiva as belas-letas.

<sup>5</sup> Diz-se da mulher que cuida com exagero de sua aparência física a fim de provocar a admiração dos outros. Mulher leviana, inconstante.

<sup>6</sup> Relativo ao epicurismo, doutrina de Epicuro, filósofo grego (341-270 a.C), que se caracterizava pela identificação do soberano bem com o prazer. Diz-se, portanto, da pessoa dada aos deleites da mesa e do amor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante Do exposto até o momento objetivamos deixar claro aos leitores a essência da verdadeira espiritualidade cristã e como ela se distingue daquilo que está se dizendo por aí como sendo espiritualidade. E também, apontamos para o desafio que o cristão que pretende viver uma vida cristã marcada pela verdadeira espiritualidade terá de enfrentar na atualidade diante de um mundo cada vez mais secularizado. Que Deus nos ajude a encontrar e viver a verdadeira espiritualidade cristã nesses dias.

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- ELWELL, Walter A. (ed.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Campinas: Papyrus, 1997.
- HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- JENSEN, Peter. *A revelação de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- MCGRATH, Alister E. *Uma introdução a espiritualidade cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- SANTOS, Jeová Rodrigues dos. *Oração e liderança espiritual*. São Leopoldo: OIKOS, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Oração e liderança espiritual*. 2ª ed. rev. atual. Goiânia: Editora Cruz, 2016.
- SCHAEFFER, Francis A. *Verdadeira espiritualidade*. São Paulo: Editora Fiel, 1984.
- ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.